

O DIABO EM PESSOA: RETRATOS DA FIGURA DE SATÃ NOS ESCRITOS DE FERNANDO PESSOA

Luciano de Souza¹

RESUMO: O propósito do presente trabalho é seguir o itinerário do Diabo nos escritos de Fernando Pessoa, registrando, com detalhes, as ocasionais aparições do Tentador ao longo de uma jornada em verso e prosa que revela paisagens pouco exploradas da poética pessoana. Fundamentando-se principalmente no material publicado a partir de pesquisas realizadas no espólio do poeta, este estudo não pretende esgotar as inúmeras possibilidades exegéticas que afloram nos textos examinados, senão unicamente lançar alguma luz a este que permanece um ângulo obscuro na poliédrica literatura de Fernando Pessoa.

PALAVRAS-CHAVE: Diabo; Fernando Pessoa; Literatura.

ABSTRACT: This paper aims at following the Devil's itinerary in the writings of Fernando Pessoa, recording in details the Tempter's occasional apparitions on a journey in verse and prose that unveils landscapes barely explored in Pessoa's poetics. This study, which is grounded mainly in the material published after researches conducted in the poet's estate, does not intend to exhaust the countless exegetical possibilities that emerge from the examined texts. Instead this paper's sole purpose is to throw some light on what remains an obscure angle of Fernando Pessoa's polyhedral literature.

KEYWORDS: The Devil; Fernando Pessoa; Literature.

*Que campo do humano, mesmo supondo que se trate do mais puro,
do mais dignificadamente generoso, ficará totalmente inacessível
ao influxo de forças infernais? Sim, cumpre até acrescentar:
qual deles não necessitará nunca do fecundador contato com elas?*

Thomas Mann

[...] talvez seja ele [o Diabo] que inspira aqueles que não pensam como todo mundo.
Claude Debussy

¹ Mestrando do programa de Literatura Portuguesa da Universidade de São Paulo e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

O estudo ora apresentado resulta de pesquisa realizada por conta de dissertação de mestrado em andamento, desenvolvida sob a orientação da Prof^ª. Dr^ª. Lilian Lopondo.

De Lord Byron a E. T. A. Hoffmann, de Álvares de Azevedo a Guimarães Rosa, muitos são os autores que, deixando-se guiar pela luminosidade altiva de Lúcifer, elaboraram obras as quais, por bem ou por mal, proveram o dito “Anjo Caído” de indisputável notoriedade no universo literário.

Embora a consagrada produção artística de Fernando Pessoa certamente não denote quaisquer anseios do poeta em se lançar em incursões pelas intrincadas veredas dessa “literatura satânica”, uma análise mais aprofundada de seus textos – incluindo aqueles que vieram a lume somente na esteira de uma ampla e elucidativa fortuna crítica – fornece o diagnóstico de que Pessoa tinha o Diabo no intelecto (BRÉCHON, 1999, p. 145). De fato, a existência desta “presença obsessiva” (LOPES *in* PESSOA, 2004, p. 34) do Demônio nos escritos do poeta revela uma dimensão pouco conhecida de sua obra, como bem atestam diversos fragmentos de poemas, notas biográficas, ensaios e apontamentos esparsos que aludem àquela figura. Conquanto não seja em legião, esta presença errática de Satã na heteronímica vida-obra de Fernando Pessoa assume um caráter extremamente relevante, pois, ainda que por vezes enigmática, ela se torna uma das muitas chaves interpretativas da poética pessoana, como se depreende, por exemplo, da leitura de *A Hora do Diabo* – hermético conto organizado e publicado no final da década de 1980 a partir de inéditos localizados na arca do poeta.

É em determinadas passagens desta narrativa, aliás, que toma vulto a noção de que Pessoa, sendo profundo conhecedor do cânone literário ocidental, mostra-se cômico de uma tradição que, ao se ocupar do Diabo, veio mesmo a (re)definir, em prosa e verso, seu papel na literatura ao longo dos tempos. Neste conto, o poeta que, cinco anos antes de desaparecer na “curva da estrada”, exclamava seu anseio de “[...] beber as estrelas/ Num dos cornos do Diabo!” (PESSOA, 2007, p. 386) constrói o discurso de Satã em uma relação dialógica com concepções da figura do Demônio que se originaram e/ou foram plasmadas nos domínios da literatura: “Eu sou de facto o Diabo. [...] Shakespeare, que inspirei muitas vezes, fez-me justiça: disse que eu era um cavalheiro” (PESSOA, 2004, p. 45).

E, mais adiante:

Os mesmos poetas – por natureza meus amigos – que me defendem, me não têm defendido bem. Um – um inglês chamado Milton – fez-

me perder, com parceiros meus, uma batalha indefinida que nunca se travou. Outro – um alemão chamado Goethe – deu-me um papel de alcoviteiro numa tragédia de aldeia. (PESSOA, 2004, p. 56)

Dotado por Pessoa de uma retórica esteada na intertextualidade, o Tentador em *A Hora do Diabo* é, com efeito, menos o antagonista de Deus e dos homens apresentado nas Escrituras – mormente no Novo Testamento – do que uma personagem literária que se reconhece no Satã do *Paraíso Perdido* e no Mefistófeles do *Fausto* goethiano, bem como na caracterização que Shakespeare lhe dá em Henrique V². Entretanto, este Satanás que ora se satisfaz, ora demonstra desagravo diante dos papéis que lhe foram atribuídos nas sendas da literatura, dá voz a somente uma de várias representações do Diabo concebidas por Fernando Pessoa. Pois assim como são muitas as máscaras que o Demônio usa no teatro do imaginário popular (LINK, 1998, p. 20), diversas são também suas manifestações nos textos do autor português desde os primórdios de sua escrita.

Tendo em vista que – até onde é dado conjecturar – Fernando Pessoa não tenha se valido em seus textos de alguma sintaxe críptica cujos componentes emanam traços sulfurosos anunciadores da presença de Satã, o que se pretende é seguir os claudicantes passos do Demônio na produção do poeta, de forma a retratar e expor suas aparições, de modo contextualizado, como em uma galeria consagrada à imagem de Satã nos escritos do autor. Não se tenciona, aqui, contudo, esgotar as inúmeras possibilidades exegéticas encerradas em tais situações, mas sim esboçar um percurso que ilustre o estatuto de Satanás enquanto personagem recorrente na literatura do poeta luso.

Deve-se apontar, a propósito, que o delineamento desse panorama não tende a enfatizar aquela que pode ser qualificada como a produção canônica do poeta da *Mensagem*; com efeito, a investigação das manifestações do Diabo em Pessoa concentra-se, principalmente, no exame de inúmeros documentos que estiveram confinados na mítica arca do poeta e que, ao serem divulgados, desvelaram facetas muitas vezes incógnitas desse autor que era múltiplo por excelência. É, portanto, a partir do estudo desses documentos, que se podem traçar as ocorrências do Diabo nos escritos de Fernando Pessoa até os primórdios de sua produção, seja ela ortônima ou atribuída a algumas das primeiras personalidades literárias por ele criadas no início de sua vida

² Ato 4, Cena VII.

adulta: Rafael Baldaia, Charles Robert Anon, Joaquim Moura Costa, Alexander Search e David Merrick.

A este último, inclusive, credita-se a possível gênese de *A Hora do Diabo*: um poema – ou antes, o esboço de um poema – denominado “Satan’s Soliloquy”, o qual se destinaria a uma antologia chamada *Sub Umbrâ*, também de autoria de Merrick. Posteriormente, já metamorfoseado em um conto – que agora passava a se chamar “Devil’s Voice” –, esse texto viria a integrar uma coletânea intitulada “Tales of a Madman” (LOPES, 1990, p. 97). De concreto, salvo os apontamentos de Pessoa, nada restou desses luciféricos projetos em língua inglesa, que como tantos outros foram abortados e relegados ao esquecimento. Entretanto, mesmo que inconclusos, tais planos – remontando ao início da década de 1910 – revelam já o interesse do autor pela figura do Diabo, bem como certa propensão em torná-la uma personagem em sua literatura.

Não se pode ignorar, também, à menção do título “Satan’s Soliloquy”, o surgimento do espectro de um jovem Pessoa que, ao explorar os caminhos que se abrem diante de si no labirinto de sua inspiração artística, deixa-se orientar pelos ecos distantes dos monólogos de Satã em *Paraíso Perdido*. Aliás, que o Anjo Caído miltoniano tenha tomado o poeta pela mão e lhe mostrado o rumo no início de sua travessia literária não é de surpreender, afinal é sabido que Fernando Pessoa tinha em grande conta o épico de John Milton e seu amaldiçoado rebelde, pai de uma geração de heróis românticos: “Teve Milton por intuito o cantar, no ‘Paraíso Perdido’, a Queda do Homem [...]. E que fez? Fez um poema, um grande poema, em que a figura mais altiva e nobre — mais épica portanto — é Satã” (PESSOA, 1966, p. 134).

Da autoria de Alexander Search – outra personalidade anglófona de Pessoa – um documento datado de 02 de outubro de 1907 lança luz a uma inusitada investida do autor português nas searas do célebre motivo do “pacto demoníaco”, tema bastante recorrente na esfera do “satanismo literário” e, outrossim, um dos elementos fulcrais do assunto fáustico em qualquer uma de suas configurações ao longo dos séculos:

ALEXANDER SEARCH’S LIFE-BOND

Bond entered into by Alexander Search, of Hell, Nowhere, with Jacob Satan, Master, though not King, of the same place:

1. Never to fall off or shrink from the purpose of doing good to mankind.

2. Never to write things, sensual or otherwise evil, which may be to the detriment and harm of those that read.
3. Never to forget, when attacking religion in the name of truth, that religion can ill be substituted and that poor man is weeping in the dark.
4. Never to forget men's suffering and men's ill. (PESSOA, 2006, p.74)³

Diante das cláusulas desse contrato *sui generis* celebrado com Satanás, é possível depreender, pela “voz luciferiana” (LOPES, 88, p. 1993) de Alexander Search, que o gênio de Fernando Pessoa em certo nível esteve comprometido com a idéia de dar contornos diferentes àqueles com que o Diabo é plasmado segundo o cristianismo, refutando, em sua poética, a noção dogmática segundo a qual Satã é a encarnação do Mal. De fato, de acordo com uma nota do espólio do poeta, Pessoa cogitara escrever versos que ideavam o Tentador como “o espírito do Bem” (LOPES, 2004, p. 13), o que, como se vê, repercute com diabólica fidelidade o teor do pacto de Search com o mencionado Mestre do Inferno.

Descrito como “a Spirit of ill, the master and real conqueror there”⁴ (apud LOPES, 1990, p. 124), esse mesmo Jacob Satan toma lugar uma vez mais nos escritos de Pessoa como uma das personagens de *Ultimus Jocularum*, uma peça teatral ideada pelo poeta em sua juventude, porém jamais concluída. Ainda que, desta feita, Pessoa defina Satanás com um adjetivo (“ill”) cuja carga semântica esteja associada à negatividade e nocividade, tal vocábulo de fato comporta uma pluralidade de sentidos⁵ que ampliam o sentido de seu uso. Esse dado lexical, em conexão com a não consumação do projeto, certamente impossibilita que se assinale, de modo categórico, alguma discrepância significativa entre as duas representações de Jacob Satan nos textos de Fernando Pessoa.

³ PACTO PARA A VIDA DE ALEXANDER SEARCH

Pacto entre Alexander Search, residente no Inferno, Nenhures, com Jacob Satanás, Senhor, embora não Rei, do mesmo lugar:

1. Nunca desfalecer nem recuar no propósito de fazer bem à humanidade.
2. Nunca escrever coisas sensuais, ou de outro modo perversas, que possam lesar e prejudicar quem as ler.
3. Nunca esquecer, ao atacar a religião em nome da verdade, que a religião dificilmente pode ser substituída e que o pobre homem chora nas trevas.
4. Nunca esquecer o sofrimento e o infortúnio dos homens. (PESSOA, 2006, p.75)

⁴ “Um Espírito desditoso, o mestre e real conquistador lá”. Tradução minha (cf. nota nº5).

⁵ O dicionário Oxford dá sete definições para esse adjetivo, as quais vão de “out of health, sick” (enfermo) a “improper” (inconveniente), passando por “wretched” (desditoso) e “unskillful” (canhestro).

Em abril de 1909, expressando-se pela sardônica pena do polemista Joaquim Moura Costa, Fernando Pessoa conjura o Demônio em um poema no qual a criação da Igreja Católica é dada como produto de um conluio entre Deus e o Adversário com fins de atribular os homens:

O Diabo, Satanás – como quiserem – certo
Dia a Deus Uno e Trino assim se dirigiu:
Combinemos os dois ao homem pouco esperto
Uma cilada. [...]

[...] é preciso que haja uma abominação
Que seja à humanidade uma perfeita cólica.
Não acabou. Sorrindo e anunciando então
O Senhor inventou a Igreja Católica.
(apud LOPES, 1990, p. 176)

Chama atenção, nesses versos, o fato de que a relação entre Deus e o Diabo se define por uma cordialidade semelhante àquela que dá o tom no “Prólogo no céu”, cena que prefacia a primeira parte do *Fausto* de Goethe e na qual Mefistófeles e o Altíssimo estabelecem, em uma aposta, as condições que selarão o destino do necromante de Knittlingen. É possível postular que, assim como na tragédia goethiana, no poema de Costa é a estreiteza entre Deus e o Diabo que leva aquele, num arroubo de sadismo, a arquitetar, sorridente, a desventura da ignara humanidade por sugestão deste que, aqui, faz jus ao epíteto de Inimigo.

Compartilhando a visão anticatólica de J.M. Costa, entra em cena Charles Robert Anon, mais uma personalidade literária inglesa de Fernando Pessoa que, em 1906, nos versos de “Epitaph of the catholic church” e “God’s epitaph”, anuncia o desaparecimento de Deus e da Igreja Católica, aludidos pelo poeta, alternadamente, como “o Diabo” e “o mal” no mundo:

GOD’S EPITAPH

Here lies a tyrant whom some called a devil,
Snake-eyes his folds around our life he curled;
He’s dead now, and the world hath no more evil,
Because there is no longer any world. (apud LOPES, 1993, p. 165)⁶

⁶ EPITÁFIO DE DEUS

Aqui jaz um tirano a quem alguns chamaram demônio,/ Com abraços de serpente enleou a nossa vida;/
Morto está, e o mundo já não tem maldade,/ Porque já não há mundo.

EPITAPH OF THE CATHOLIC CHURCH

Friends, tread in peace, here lies the devil;
The world hath now but little evil. (apud LOPES, 1993, p. 165) ⁷

A virulência do ataque a Deus e à instituição que Fernando Pessoa comumente se referia como “Igreja de Roma” faz com que Robert Bréchon (BRÉCHON, 1999, p. 90-91) reconheça em Anon o germe da “reivindicação luciferina que logo será retomada no *Fausto*”. Entretanto, nesse infundável projeto do qual o poeta se ocupou durante toda a vida, não é a rebeldia herética de Anon que dá o tom nas falas de Lúcifer. Com efeito, relembrando os ensinamentos de um poeta guardador de rebanhos para quem “Pensar em Deus é desobedecer a Deus” (PESSOA, 1946, p. 208), pode-se distinguir a insurgência de Lúcifer no intelecto do proscrito que, relegado à solidão por vislumbrar o abismo (PESSOA, 1996, p. 59), pondera, em seu exílio: “Há um mistério maior que Deus em tudo” (PESSOA, 1996, p. 60).

Esse mesmo Lúcifer, que no hermético *Fausto* pessoano encarna o espírito que nega a poética antimetafísica de Caeiro⁸, passa a ser apreendido, agora pela ótica do astrólogo Rafael Baldaia, como objeto de investigação dos estudos esotéricos de Fernando Pessoa. É possível, inclusive, entrever os escritos de Baldaia/ Pessoa como as ruínas de um portal através do qual a figura de Satã adentrou a metafísica ocultista de que o poeta se ocuparia, em peças ficcionais ou textos de cunho ensaístico, ao longo de toda a vida. Ainda que nem sempre o Diabo tenha conduzido as reflexões de Pessoa acerca do Oculto, dois exemplos – legados por Baldaia – denotam a posição axial reservada a Satanás nas concepções filosóficas do autor português.

O primeiro trata-se de uma nota desprovida de qualquer data ou identificação:

Os místicos, os esotéricos, e outra gente assim, têm sido sempre, notavelmente, falhos de lucidez, de grandeza intelectual e de espírito compreensivo e claro. *Lúcifer* – o que traz a luz é o nome do símbolo da Negação: a lucidez é a negação. Adoremos a Satanás na sua obra, a Matéria.

O Raciocínio é anti-divino por natureza. Por isso devemos amar e cultivar o Raciocínio (apud LOPES, 1990, p. 326).

⁷ EPITÁFIO DA IGREJA CATÓLICA

Amigos, caminhai em paz, aqui jaz o demônio;/ O mal já não alastra no mundo.

⁸ Na sexta parte de “O guardador de rebanhos” Caeiro declara que “ O único mistério é haver quem pense no mistério” (PESSOA, 1946, p. 28).

O segundo é o excerto de um texto denominado *Tratado da Negação*, de 1916, no qual o astrólogo volta a discorrer sobre Lúcifer nos seguintes termos:

[...] Há dois princípios em luta: o princípio de Afirmação, de Espiritualidade, de Misticismo, que é o Cristão (para nós, actualmente), e há o de Negação, de Materialidade, de Clareza, que é o Pagão. *Lúcifer* — o portador da Luz, é o símbolo nominal do Espírito que Nega. — A revolta dos anjos criou a Matéria, regresso ao Não-Ser, libertação da Afirmação (PESSOA, 1973, p. 43).

Rafael Baldaia, até mesmo com certo desdém, paradoxalmente não se reconhece como um daqueles que têm o Oculto em alta estima. Aquela “gente assim”, para o astrólogo-filósofo, é tomada por uma inépcia e um obscurantismo que, em seu âmago, contrariam a própria essência de Lúcifer que é, para Baldaia, personificação cintilante da Razão.

A partir do cenário que se desvela nos trechos apresentados – verdadeiros aforismos da filosofia de Rafael Baldaia –, pode-se observar que na metafísica esotérica de Fernando Pessoa a figura do Diabo está associada à existência antitética de dois preceitos essencialmente opostos. Como um dos índices que simbolizam essa polarização, o Demônio – referido pelo poeta ora como Satanás, ora como Lúcifer – é caracterizado com atributos que o tornam sobremaneira destoante de sua representação nos textos canônicos cristãos e, também, em âmbito literário⁹.

Seguindo pela mesma *via diabolica* percorrida por Baldaia, Bernardo Soares, em um texto denominado “Declaração de diferença”, manifesta seu interesse por uma representação de Satã que, como o Lúcifer referido pelo astrólogo, se projeta para além das Escrituras e do horizonte literário. Neste apontamento – que, aliás, revela significativa semelhança com os textos de Baldaia no que tange à interpretação de Satã em termos que remetem à filosofia hermética –, o autor do *Livro do Desassossego* declara o encanto exercido sobre ele pelo Demônio:

⁹ Na primeira parte do seu *Fausto*, Goethe faz Mefistófeles se apresentar como “O Gênio sou que sempre nega!” (GOETHE, 2004, p. 139). Já Machado de Assis, certamente inspirado pelo autor alemão, em “A igreja do Diabo” coloca na boca do Adversário palavras semelhantes: “Senhor, eu sou, como sabeis, o espírito que nega” (ASSIS, 1983, p. 44). Entretanto, não há como afirmar, no âmbito de um simples cotejo, que Goethe ou Machado tiveram a mesma inspiração ou vislumbraram o mesmo horizonte semântico que Fernando Pessoa.

A nossa simpatia é grande pelo ocultismo e pelas artes do escondido. [...] Satã, sem que o queiramos, possui para nós uma sugestão como que de macho para fêmea. A serpente da Inteligência Material enroscou-se-nos no coração, como no Caduceu simbólico do Deus que comunica – Mercúrio, senhor da Compreensão. (PESSOA, 2006, p. 428-429).

Diante da menção a uma “serpente da Inteligência Material” em um contexto que também evoca Mercúrio como “senhor da Compreensão”, poder-se-ia dizer que, da mesma forma que os três heterônimos de Fernando Pessoa eram leitores uns dos outros, o ajudante de guarda-livros Bernardo Soares dá mostras de ter estudado, em algum momento, os apontamentos hermético-filosóficos de Rafael Baldaia. Ou deles tomado conhecimento em uma consulta com o astrólogo...

Constata-se, pois, com a leitura dos escritos de Baldaia e Soares, que o sabido interesse do diabólico¹⁰ Fernando Pessoa pelas ciências ocultas está, em certo grau, inextricavelmente associado à figura de Satã, ou mais precisamente, a uma concepção heterodoxa que o poeta tinha dela, como fica patente também nos escritos de Alexander Search ou C. R. Anon, por exemplo.

Pode-se aventar que essa noção particular de Satã que Pessoa manifesta em seus textos – engendrada, por certo, como consequência de seu inaudito interesse pelo tema – e a matéria esotérica da qual ele se ocuparia, com maior ou menor diligência, até o fim da vida, conciliam-se em sua poética, de certo modo transmutando-se em uma espécie de *topos* binário – um “hermetismo satânico”, diga-se – que acabou por encontrar seu caminho também na escrita ortônímica, de natureza ensaística, de Pessoa:

Tudo é um. O satânico é tão somente a materialização do divino. [...] “Deus é um espírito”, diz a Bíblia: e o divino é (em relação a este mundo) espiritual. O Diabo é a matéria (corpo) e a Trindade Satânica: o Mundo, a Carne e o Diabo. O Diabo (Saturno) é a Limitação (PESSOA, 1989, p. 155).

Este pequeno trecho, assim como os outros textos aqui apresentados, são, em verdade, artefatos pouco conhecidos do engenho de Fernando Pessoa. Mesmo leitores

¹⁰ No romance *O pêndulo de Foucault*, Umberto Eco retrata, com erudição e ironia, as experiências daqueles que, atraídos pelos mistérios do ocultismo, enlevam-se no estudo deste em suas inúmeras ramificações. Estes “diabólicos” – tal como Eco os designa – em muito se assemelham a Pessoa, que, como lembra Richard Zenith, “sentia um inegável fascínio por praticamente tudo o que pode caber, bem ou mal, no termo ‘esotérico’” (ZENITH, 2006, p. 467).

familiarizados com a obra do poeta, acostumados à vertiginosa experiência que é se perder e se encontrar na literatura pessoana, quiçá ignorem esses escritos e, por consequência, a ascendência da figura do Diabo sobre o autor. Para esse desconhecimento, contribuem, decerto, dois fatores: primeiramente o fato de que o Tentador se manteve distante do que veio configurar o cânone pessoano. Em segundo lugar, devido ao seu teor hermético, muitas das menções a Satã só fazem algum sentido quando cotejadas a outros textos de temática semelhante, como se fossem partes de um quebra-cabeça diabólico. É isso que acontece com a nota imediatamente acima, que, tal qual a “Declaração de diferença”, de Bernardo Soares, dialoga com a metafísica satânica de Rafael Bandeira.

Em *O casamento do Céu e do Inferno* William Blake refere-se a John Milton, pela voz do Diabo, da seguinte forma: “[...] ele era um Poeta autêntico e tinha parte com o Demônio, sem sabê-lo” (BLAKE, 2001, p. 21). Se algum diabrete afeito a questões literárias por ventura sussurrasse no ouvido do autor dos *Provérbios do inferno* aquilo que foi exposto ao longo deste estudo, Blake então certamente concederia a Fernando Pessoa a mesma designação dada a Milton, quiçá colocando o autor luso à esquerda do criador do *Paraíso Perdido*. Afinal, escrevendo certo por linhas tortas, o Diabo perambula pela fragmentária produção literária de Pessoa, às vezes nela ocultando-se, para aplicar no leitor desavisado – que não o vê na “Tabacaria” ou na “Chuva Oblíqua” – aquilo que, dizem, é seu maior truque: fazer crer que ele não existe.

Porém, mesmo que furtivo, quase despercebido, Satã não se priva de colocar seu selo também na literatura daquele poeta fingidor, que fingia tão completamente, que chegava a fingir que o Diabo lhe era indiferente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ASSIS, Machado de. “A Igreja do Diabo”. In: *A Cartomante e outros contos*. São Paulo: Editora Moderna, 1983.

BLAKE, William. *O matrimônio do Céu e do Inferno/ O Livro de Thel*. Trad. José Antônio Arantes. 4. ed. Iluminuras: São Paulo, 2001.

BRÉCHON, Robert. *Estranho estrangeiro: uma biografia de Fernando Pessoa*. Trad. Maria Abreu e Pedro Tamen. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

ECO, Umberto. *O pêndulo de Foucault*. Trad. Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Record, 1989.

GOETHE, Johann Wolfgang von. *Fausto: uma tragédia – primeira parte*. Trad. Jenny Klabin Segall. São Paulo: Ed. 34, 2004.

LOPES, Teresa Rita. *Pessoa Inédito*. Lisboa. Livros Horizonte, 1993.

_____. *Pessoa por conhecer – roteiro para uma expedição*. Lisboa. Estampa, 1990.

LINK, Luther. *O Diabo: a máscara sem rosto*. Trad. Laura Teixeira Mota. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PESSOA, Fernando. *A Hora do Diabo (edição e prefácio de Teresa Rita Lopes)*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.

_____. *A Procura da Verdade Oculta - Textos filosóficos e esotéricos (Prefácio, organização e notas de António Quadros)*. 2. ed. s/l: Mem Martins: Publ. Europa-América, 1989.

_____. *Escritos autobiográficos, automáticos e de reflexão pessoal (edição e posfácio de Richard Zenith)*. São Paulo: A Girafa, 2006.

_____. *Livro do desassossego*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *Obra poética – volume único*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985.

_____. *Páginas de Estética e de Teoria Literárias (Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho)*. Lisboa: Ática, 1966.

_____. *Poesia, 1918-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. *Primeiro Fausto*. São Paulo: Iluminúras, 1996.

_____. *Textos Filosóficos (Estabelecidos e prefaciados por António de Pina Coelho)*. Vol. 1. Lisboa: Ática, 1973.

SHAKESPEARE, William. *Henry V*. Essex: Longman, 1993.

THOMPSON, Della. (ed.) *Compact Oxford English dictionary*. Oxford: Oxford University Press, 1996.